

HONRA E STREET FIGHTER:

Kwame Anthony Appiah e seu código moral na realidade escolar.

Rodrigo Soares Samersla¹

Instituição: Escola Técnica Estadual 25 de Julho

Modalidade: Relato de Experiência

Eixo Temático: Direitos Humanos

INTRODUÇÃO

O uso de recursos para atingir os alunos é uma discussão ampla, com pedagogias variadas dentro das extensões universitárias. Em minha graduação, percebi o quanto a possibilidade de entendimento das aulas pelos educandos pode ser custosa ao professor. Seguindo o pensamento de Maurice Merleau-Ponty,

A verdadeira filosofia reaprende a ver o mundo, e neste sentido uma história contada pode significar o mundo com tanta ‘profundidade’ quanto um tratado de filosofia. Temos em mãos nossa sorte, tornamo-nos responsáveis por nossa história por meio da reflexão, mas também por uma decisão em que engajamos nossa vida, e nos dois casos trata-se de um ato violento que se verifica ao se exercer. (MERLEAU-PONTY, 1971, pág. 18.)

Segundo ele, a educação, além de envolver a história de cada um em seu processo, também é um ato de violência. Na sala de aula temos alunos que não estão ali por vontade própria, existe um sistema obrigando de forma velada a permanência deles naquele local. Logo, como podemos fazer com que os alunos queiram estar na escola, queiram utilizar esse tempo para buscar sua realização pessoal e a busca de conhecimento? Essa é a principal pergunta que professores e pedagogos buscam responder na atualidade. Não temos respostas prontas, mas pensando bem, isso é ótimo, já que podemos tentar, buscar novos caminhos que ainda não estão delimitados.

Em minhas aulas de filosofia, o tempo é o meu pior inimigo. Aulas ministradas em 50 minutos, onde o conteúdo tem que buscar a relevância com a vida do aluno, é uma dificuldade muito grande. Com isso, faço uso de diferentes metodologias, buscando atingir a grande maioria dos alunos durante o ano. Ainda assim, preciso vivenciar alguns problemas na escola que perpassam o mero conteúdo curricular: má alimentação de alguns alunos em suas casas, falta de infraestrutura, problemas familiares e a violência entre os próprios alunos. Nesse último item, a prática de esportes e de jogos pode surtir um efeito positivo para sua superação. Mas além dele, poderemos utilizar do campo da ética dentro da filosofia para acrescentar novos diálogos e experiências aos alunos. Kawme Anthony Appiah, professor anglo-ganês de filosofia e direito da Universidade de Nova York,

¹ Professor de Filosofia da E. T. E. 25 de Julho - Ijuí, RS - Email: rodrigosamersla@gmail.com

também professor emérito da Universidade de Princeton, torna-se uma base para as temáticas morais, usando de seu livro “*O código de honra : como ocorrem as revoluções morais*”. O questionamento da honra pode ser utilizado como um regramento para o convívio social, onde o que somos e como agimos será visto no contexto de um código de honra.

Uma ferramenta de exploração que pode ser usada nesse tema é o jogo de PlayStation One “*Street Fighter Zero 3*”, que carrega em sua história a honra como ponto basilar de todas as batalhas. Instigado por um vídeo na internet², apliquei esse método pedagógico, adaptado agora para o grupo de Ensino Médio, utilizado no ano de 2022 e replicado neste ano de 2023. O que pretendo com este relato é apenas mostrar certos caminhos, já que a prática do jogo em sala me permite uma aproximação para com o aluno, usando agora uma forma reflexiva e divertida.

DESENVOLVIMENTO

A violência é natural para o ser humano?

É com essa pergunta que começo minha aula, fazendo com que os alunos questionem sobre si e a sociedade que os cerca. Podemos chegar rapidamente na dicotomia Hobbes\Rousseau, o homem ser mau ou bom por natureza, mas o que quero deles não é uma resposta pronta. Nossa vivência social mostra que a violência e a demonstração de força são constantemente colocados à prova. Quem tem irmãos vê isso com mais clareza. Se assumirmos como natural a violência, isso não significa que o ser humano é bom ou mau, apenas que ele usa dela como forma de se colocar no mundo que o cerca. Segundo Kwame Anthony Appiah:

De fato somos uma espécie tremendamente violenta: lutamos dentro dos grupos, muitas vezes até a morte; e também nos organizamos em grupo para lutar contra outros, com uma frequência maior do que a grande maioria das outras espécies. (APPIAH, 2010, pág. 115.)

Assim, se naturalmente somos violentos, como poderemos viver em sociedade sem abusar da violência? Esta questão pode ser compreendida no contexto das regras, ou seja, regularizar nossos convívios, fazendo com que possamos viver minimizando a utilização desta natureza em nosso dia-a-dia. Essas regras tomam muitos nomes, e Appiah dá vários exemplos ao longo da história humana em seu livro, mas resumindo, podemos dizer que essas regras são chamadas de Códigos Morais.

Após um breve diálogo, solicito que alguns alunos voluntários iniciem a partida de “*Street Fighter Zero 3*”, do antigo PlayStation One, da Sony. Posteriormente, eles mesmos se organizam, criando uma pequena sequência de jogadores. As partidas são breves, de não mais de 3 minutos cada. A emoção do jogo parece surtir efeito, já que a grande maioria dos alunos se interessa no que cada jogador está fazendo, quais os golpes foram usados, e como se faz os especiais. Deixo umas partidas acontecerem, e volto para o tema, pedindo que todos se acomodem em seus lugares. Agora, conto a história do personagem Sagat, do

² VELBERAN

27 de outubro de 2023 - Unijuí - Campus Ijuí



jogo que eles experimentaram. Ele era o último chefe do primeiro Street Fighter, lançado em 1987 pela Capcom. Ali, Sagat perde a luta final para Ryu, o personagem principal. Na batalha, Ryu dá um golpe tão forte, que deixa Sagat com uma imensa cicatriz em seu peito. A busca de Sagat pela honra destruída após a derrota para Ryu, torna-se o fio condutor de toda a trama dos jogos subsequentes. Após essa história, questiono os alunos se a derrota significa ‘perda de honra?’ Geralmente a resposta da grande maioria é sim. Voltando ao texto de base do pensador ganhês Appiah, é definido que a honra significa

(...) ter direito ao respeito. Em decorrência disso, se você quiser saber se uma sociedade se preocupa com a honra, primeiro procure ver se essas pessoas pensam que alguém tem direito a ser tratado com respeito. A próxima coisa é ver se esse direito ao respeito é dado com base num conjunto de normas compartilhadas, um código. Um código de honra diz como pessoas de certas identidades podem ganhar direito ao respeito, como podem perdê-lo e, ainda, como o fato de ter e perder a honra muda a maneira como elas devem ser tratadas. (APPIAH, 2010, pág. 107.)

A base da honra é o respeito. Ou ainda, a base da honra é o direito ao respeito. Se queremos ter e defender a honra, não podemos perder de vista que devemos respeitar nosso adversário, esperando também seu respeito. Mas não é um respeito de tratamento, já que Appiah expõe que

(...) Nós, seres humanos, precisamos que os outros respondam apropriadamente ao que somos e ao que fazemos. Precisamos que os outros nos reconheçam como seres conscientes e percebam que nós também os reconhecemos assim. Quando você avista outra pessoa na rua e seus olhos se encontram num mútuo reconhecimento, ambos estão expressando uma necessidade humana fundamental e ambos estão respondendo — instantaneamente, sem esforço — àquela necessidade que cada um identifica no outro. (APPIAH, 2010, pág. 8.)

Esse sentimento de reconhecimento é aquilo que nos congrega como seres sociais, já que, a partir do reconhecimento, nos identificamos como pertencentes à sociedade humana. Assim, a base da honra passa a ser o respeito de ser reconhecido como ser humano. Perder uma batalha não significa perder a honra, pois procuramos ainda ser reconhecidos pelo nosso adversário. No ambiente do jogo, pergunto aos alunos se eles conseguem atacar um adversário que está caído. A resposta é não. Pergunto também se eles conseguem jogar dois lutadores contra um. Novamente a resposta é negativa. Podemos ver que o jogo tem um conjunto de regras para seguir, e, fazendo um paralelo com Appiah, devemos criar esse conjunto de regras em nosso convívio, um código de convivência, um código de honra.

Não vai ser fácil, mas tentar atingir esse objetivo pode ser recompensador no futuro. Quantas vezes os nossos convívios já se modificaram, e aquilo que fazíamos no passado, hoje é visto como negativo, ruim até. Appiah compreende isso, já que

(...) Um dia, as pessoas vão se pegar pensando que não só uma antiga prática era errada e a nova é certa, mas também que havia algo de vergonhoso nos velhos usos. Durante a transição, muitos modificarão seus hábitos porque sentem vergonha da antiga maneira de fazer as coisas. Assim, talvez não seja

demais esperar que, se encontrarmos já o lugar adequado da honra, podemos melhorar o mundo. (APPIAH, 2010, pág. 10)

A vergonha é um sentimento nascido das atitudes guiadas pela falta de regras. Aqui reside a dificuldade de implementar essa experiência para diferentes realidades. Alguns alunos que carregam violências em suas vivências vão renegar esse pensamento, mas isso não significa que nossa prática está dando errado. Eles ainda vão acreditar que derrota é desonra, que vitória acima de tudo representa ganhar honra. Não será com essa aula que mudarei os pensamentos dos alunos. Mas isso não diminui essa prática.

Acredito que qualquer movimento dentro da sala de aula criará ondas, e mesmo que não surtem efeito a curto prazo, quem sabe os resultados serão vistos nas futuras gerações, que estarão sob os cuidados das nossas crianças de hoje. Elas serão afetadas pelas atitudes de hoje, e se atingirmos os sentimentos certos de nossos alunos, poderemos criar um ambiente propício para uma valorização ética da honra em nossas vidas sociais.

CONCLUSÃO

Após aplicar essa aula em diferentes turmas de primeiros e segundos anos do ensino médio, acredito que um início de reflexão foi produzido com os alunos, porém várias perguntas ainda residem em nossos convívios. Mas, frisando novamente, que temos em sala alunos que não querem estar na escola, sendo obrigados por um sistema a se comportar de uma certa forma, e também que o mercado de trabalho não permite um projeto de futuro para esses jovens, essa prática se mostra, no mínimo, divertida. Tudo que possa ser usado para atingi-los mostra-se necessário, e as aulas de filosofia e sociologia, tão pouco reconhecidas no ambiente escolar, podem tornar a escola um lugar de respeito, de vivência saudável e harmônica. Sabemos que não iremos acabar com a violência, mas tentar chamar a atenção dos jovens demonstrando que ela necessita de balizas, e que deve estar ancorada em regras. O direito ao respeito deve tornar-se um ideal a ser buscado, para assim, chegar a uma sociedade onde possamos dizer que participamos efetivamente, com honra e dignidade.

REFERÊNCIA

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução: Reginaldo de Piero. Rio de Janeiro - RJ: Freitas Bastos, 1 ed. 1971. 465 pág.

APPIAH, Kwame Anthony. **O Código de Honra: Como ocorrem as Revoluções Morais**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo - SP: Schwarcz S.A., 2012. PDF.

VELBERAN, Alessandro. **Street Fighter na escola gera Repercussão nas Redes**. Youtube, 12 de dezembro de 2019. disponível em: < https://youtu.be/UI24dW-gvV4?si=5xtYsGN8kTq_v6kI > Acesso em: 25 de agosto de 2023.